

Lobão em busca de energia

O senador Edison Lobão, aliado da família Sarney, deve assumir o comando do setor elétrico, no momento em que o Brasil vive o risco de um apagão

GUSTAVO GANTOIS

Uma disputa que se arrasta há nove meses e que ainda tem prorrogação de uma semana. É neste balaio que o PMDB espera a confirmação do senador Edison Lobão para o Ministério de Minas e Energia. Na quinta-feira 10, após pouco mais de uma hora de reunião com o presidente Lula, a cúpula do partido saiu com uma garantia: Lobão é o novo ministro. Mas terá de esperar até quarta-feira 16 para efetivar a nomeação. A decisão de adiar o anúncio oficial, que será feito quando Lula retornar da viagem à Guatemala e Cuba, foi tomada para averiguar se novos bombardeios serão feitos ao ainda senador - disparos, aliás, que partem do próprio Palácio do Planalto. Lobão tem sido atacado por todos os lados pelos partidários da ministra Dilma Rousseff, da Casa Civil, que não aceita perder o controle sobre o setor energético. E nem o dinheiro que ronda o Ministério. Apesar disso, o homem forte do senador José Sarney está cada vez mais perto de chegar ao Ministério mais importante do Programa de Aceleração do Crescimento. São R\$ 274,8 bilhões previstos até 2010 - aí incluídas as verbas que serão utilizadas pela Petrobras. É por isso que o PMDB cobra mais cargos, além do Ministério. E vai sair ganhando. A diretoria internacional da Petrobras fica com Jorge Zelada, que entra no lugar de Nestor Cerveró. Na Eletrobrás, Valter Cardeal deve ceder a presidência a Astrogildo Quental, que estava na Eletronorte. Mas Dilma ainda terá um certo controle sobre a estatal, uma vez que aceitou que Cardeal saísse da presidência, desde que continuasse à frente da diretoria de engenharia.

O maior desafio para Lobão será contornar a crise que já se instalou no setor elétrico. Na quarta-feira 9, o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica, Jerson Kelman, defendeu uma campanha para a redução no consumo de energia. "Não é impossível ter racionamento", afirmou Kelman, ele mesmo apadrinhado pela ministra Dilma Rousseff. Foi o bastante para o presidente Lula pressentir o perigo. No mesmo dia, Kelman, o ministro interino Nelson Hübner e diretores do Operador Nacional do Sistema (ONS) foram chamados ao Palácio do Planalto. Todos foram alarmistas. O volume médio de chuvas é o menor dos últimos 76 anos. Na Região Sudeste, os reservatórios começaram o ano de 2007 com 53% da capacidade. Hoje, estão com 44,73%. No Nordeste, o volume de água era de 61,9%. Atualmente, está em 27,1%. Lula ficou impressionado e, na mesma noite, pediu que Dilma fosse localizada. Na manhã seguinte, o presidente acertou com ela a troca no Ministério. "Na atual situação, eu gostaria que o corpo técnico continuasse", explicou Lula. "Mas não posso conviver com duas crises no mesmo foco", citando o problema energético e a insatisfação do PMDB.

Lobão assumirá com um discurso pronto. Ele se prepara há pelo menos dois meses para ocupar o Ministério, tendo conversas com diretores do Instituto Acende Brasil. E não vai aceitar a pecha de "ministro do apagão". "Não terei responsabilidade direta num eventual colapso energético", diz ele. "O que ocorrer de bom ou de ruim vai estar relacionado ao período anterior na gestão do Ministério". Dos 41 discursos proferidos no Senado durante o ano passado, em pelo dois deles Lobão alertou para o risco concreto de um apagão energético. É uma realidade que já atingiu o mercado internacional. No mesmo dia em que Lobão foi ungido, a agência de risco Fitch Ratings divulgou um relatório apontando 2008 como um ano complicado para o cenário energético, caso o Brasil cresça mais de 5% ao ano. De acordo com um informativo do ONS, das 21 térmicas que tiveram de ser acionadas para compensar a falta de água nos reservatórios, 13 geram energia abaixo do previsto. Sinal de que Lobão tem um desafio e tanto pela frente.